

ACERCA DA PRESENÇA DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA NOS CONGRESSOS MÉDICOS

Standridge JB. Of doctor conventions and drug companies. *Fam Med* 2006;38(7):518-20.

<http://www.stfm.org/fmhub/fm2006/July/John518.pdf>

Neste artigo de opinião, o autor, professor do departamento de Medicina Familiar de uma universidade norte-americana, põe uma série de questões sobre as fronteiras nas relações dos médicos com a indústria farmacêutica (IF), a propósito da última Assembleia Científica Anual da Academia Americana de Medicina Familiar. Do seu ponto de vista, apesar de um programa rico, incluindo treino de aptidões clínicas, discussão de “guidelines” e actualizadas aplicações informáticas relacionadas com a clínica, a vertente científica do congresso tornava-se difícil de encontrar no meio daquilo a que chama um “ambiente físico e mental” saturado de publicidade. Fornece-nos então alguns factos relativos a esse encontro:

- Cerca de 5.000 médicos de família presentes;
- Custo total do congresso: 8,5 milhões de dólares (1.800 dólares por congressista, excluindo transportes, refeições e alojamento);
- Dos custos totais, 45% são cobertos por patrocinadores, a maioria dos quais pertencentes à IF; as inscrições dos congressistas são inferiores a 12% destes custos;
- Anúncios a medicamentos passavam no hotel num canal de TV interno, num *placard* gigante que circulava num camião e em insufláveis no exterior do recinto, nos autocarros que transportavam os congressistas e eram pendurados nas portas dos quartos de hotel, para além

de estarem nos programas e pastas. Nos corredores do congresso e em duas grandes salas de exposição descreve “centenas de dispositivos de alta tecnologia e de seduções várias: desde comida, a jogos electrónicos e a cadeiras de massagem”.

O autor assume o pressuposto de que a IF dispõe de dados que lhe asseguram que investimentos desta magnitude em congressos são compensatórios. Sem discutir no artigo a questão da influência nos hábitos de prescrição dos médicos, mostra-se no entanto preocupado com a má imagem pública que a “opulência” evidente nestes eventos pode gerar e sugere que a Academia Americana de Medicina Familiar comece a reflectir sobre esta questão e a estabelecer limites nas suas relações com a IF.

Nas referências bibliográficas, destaque para um artigo recente da JAMA (já disponível gratuitamente on-line em <http://jama.ama-assn.org/cgi/reprint/295/4/429> e no qual é proposta uma política de actuação perante os vários conflitos de interesse gerados nas relações dos médicos com a IF.

Artigo a não perder para todos aqueles que já alguma vez se sentiram incomodados com o ruidoso “ambiente físico e mental” dos nossos encontros e congressos nacionais e enquanto tarda entre nós a reflexão sobre esta problemática.

Mónica Granja
Centro de Saúde da Senhora da Hora